

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

VÍTOR DE AZEVEDO (1905 – 1979)

Por ocasião do falecimento de VÍTOR DE AZEVEDO, em junho do corrente ano, o responsável por esta publicação estampou no **Correio Popular**, de Campinas, a nota que julgamos oportuno transcrever:

Ausente de Campinas por alguns dias, tive conhecimento por amigo e companheiro de viagem no local onde me encontrava, de triste notícia que, infelizmente, vi confirmada quando, regressando, pus-me a folhear os jornais acumulados durante a minha ausência: o falecimento, dia 16 do corrente mês (junho), de Vítor de Azevedo Pinheiro, literariamente conhecido apenas por **Vítor de Azevedo**, meu preclaro confrade da Academia Paulista de Jornalismo. Embora não tivéssemos um relacionamento freqüente (fiquei mesmo muitos anos sem vê-lo e só nos reencontramos com a fundação da Academia, a que nos honramos de pertencer), nosso conhecimento vem de longe, aos tempos ainda da Editora Anchieta que existiu em São Paulo na década de 40 e à qual éramos muito ligados, ele naturalmente mais que eu, pois teve, inclusive, um livro editado pela casa.

Era Vítor de Azevedo um desses muitos casos de jornalistas com vocação para a pesquisa histórica, mas que, não tendo condições de produzir nesta área como certamente gostariam, e isto pelos próprios afazeres da sacrificante vida de imprensa, deixaram, contudo, excelentes amostras do que eram capazes no campo das letras históricas. Assim, a historiografia brasileira deve ao saudoso amigo e confrade pelo menos três excelentes ensaios: um sobre Feijó (**Vida, paixão e morte de um chimango**), outro sobre o grande bandeirante Manuel Preto, e o terceiro sobre Raposo Tavares. Deste último, quando de seu aparecimento, ocupei-me longamente no Suplemento literário de “O Estado de S. Paulo” e no “Diário do Povo”, de Campinas, fazendo ver o quanto representava, como contribuição original, a pesquisa realizada em torno de alguns pontos obscuros da vida e da grande jornada ao “Rio das Almanzonas”, empreendida pelo sertanista na empresa que Jaime Cortesão denominou “a maior bandeira do maior bandeirante”. Retificando autores, revelando ou interpretando novos documentos, deixou uma monografia que é verdadeiro modelo de pesquisa histórica.

O mesmo se poderá dizer, embora se trate de temas assaz conhecidos, de seus livros sobre o grande Regente do Império e sobre o bandeirante do Guaíra. Dotado de sólida cultura humanística, foi dos poucos, após Latino Coelho, a traduzir a famosa **Oração da Coroa** de Demóstenes.

Vitor de Azevedo era paulista de Bariri, onde nascera a 30 de julho de 1905. Completaria, pois, 74 anos dentro de um mês. Toda sua vida foi praticamente marcada pelo jornalismo, com atuação especial no velho “Correio Paulistano” e, depois, no “Diário de São Paulo”, além de ter militado também na imprensa do interior. Jornalista não apenas de profissão, mas sobretudo de vocação, seu nome há de ser devidamente reverenciado pelos seus colegas e, sobretudo, pelos seus confrades da Academia Paulista de Jornalismo.

*

RAPOSO TAVARES NO AMAZONAS

Em memória de Vitor de Azevedo, transcreve-se, a seguir, a nota publicada pelo responsável pela NBH no Suplemento Literário de “O Estado de S. Paulo” (15/4/1967) e no “Diário do Povo”, de Campinas (17/9/1967), a propósito do livro **Atuação real de Raposo Tavares na viagem ao rio das Almanzonas** (São Paulo, Editora Obelisco, 1966, Col. “Cadernos de História”, dir. por Brasil Bandecchi).

O pequeno volume do Sr. Vitor de Azevedo que integra a coleção **Cadernos de História**, da Editora Obelisco, apresenta erudita e bem documentada contribuição a um assunto que, embora não seja dos mais importantes da história do bandeirismo, revela aspectos novos e preciosos para o conhecimento das jornadas de Raposo Tavares pelo interior da América do Sul. Mais exatamente, a sua atuação real na viagem ao Amazonas ou ao **Rio das Almanzonas**, como escrevia um cronista do século XVII. Pretende o A. retificar alguns informes de Taunay, de Washington Luís, de Alfredo Ellis Júnior, de Carvalho Franco e de Sérgio Buarque de Holanda, em torno da gigantesca empresa que Jaime Cortesão denominou “a maior bandeira do maior dos bandeirantes”. Tarefa difícil, uma vez que a documentação não é das mais abundantes. Pretende a maioria dos autores aos quais corrige Vitor de Azevedo (e além deles também Varnhagen), que, para a grande jornada o famoso mestre-de-campo teria partido de São Paulo e atravessado os campos da Vacaria, no sul de Mato Grosso.

Alguns documentos compulsados pelos que anteriormente trataram do assunto, mas que, ao ver do A., não perceberam o sentido exato dos textos então examinados, podem levar à afirmação ora feita, segundo a qual, para a sua famosa bandeira ao Amazonas, não teria Raposo Tavares partido de São Paulo, mas sim da Bahia, onde se encontrava. Dos documentos examinados pelo A., é uma informação de 1674 a que aduz informes julgados mais concludentes pelo Sr. Vitor de Azevedo, pois, em sua opinião, não padece dúvida que o